



# Livros e Escretores



**L**OUVORES ao Altíssimo, cumpriram-se este ano os ritos, quasi com impoluta fidelidade: correram os meses caniculares, devotados ao veraneio, sem que pinchassem nas montras dos livreiros volumes novos e de pólpa, salvante os dois premiados da literatura colonial e o do Mestre Raúl Brandão, este aliás constituído por trechos já alhures publicados! O resto, em volta de meia dúzia de apreciáveis reedições, miúças apenas, aquelas miúças que se aproveitam precisamente desta época de escassez para aparecerem com o ar pimpão que lhes empresta a falta de concorrentes de regular estatura.

Significará isto que vamos regressando, enfim, às normas de produção de antes da guerra, em que havia, é certo, algumas dezenas de ilustres escritores a menos, mas, em compensação, se podiam ler muitas mais obras de mérito em cada ano literário? Oxalá!

O certo é que neste ano da graça de Deus, mil novecentos e vinte e seis da era de Cristo, já se voltou a sentir bem a chamada *estação morta*, que em tempos pretéritos concedia folga aos que moirejam na feitura e na circulação do livro, já os mostruários da fazenda literária tomaram o aspecto raso, parêlho do de searas após a ceifa, já houve que reduzir bastante em revistas e jornais o espaço reservado ao registo das novidades das letras.

Mas ei-lo, porém, o outubro, já com os primeiros borrifos de chuva no lombo, a estugar o passo ao encontro do inverno, que é o melhor, o verdadeiro amigo dos livros.

Dos livros — e da cidade. Esta, so de senti-lo, já se alvoroa, não ouvem? A cidade é dóida pelo inverno, e tem razão nisso. Ele a afaga e anima, ele a enche de bulicio e de alegria, ele lhe restitui, como soberano libertador e magnânimo, a vida intensa e culta, irrequieta e elegante. Ao estio, ao negregado, que tódas as galas lhe furtou, arrebanhando-lhe as gentes para campos e praias, que a tornou insípida e a neurastenizou por uma enfiada de meses, a êsse faz ela agora *cruzes, canhoto!*, como se do demo se tratasse, e prepara-se, sorridente, para gozar a desforra. Os fugitivos regressam já, os teatros reabrem, a politica desperta, há mais lindas mulheres nas ruas, e, escoltados gentilmente pelos crisântemos doirados e hieráticos, os livros primeiro assomam nas montras. «Avê, Outono» é o grito de hosana que rompe de tódá a cidade. E porque ele me sôa como um brado às armas, dirigido aos vários cronistas da sua multifacetada existência, — dou por findas estas longas férias e volto ao meu antigo posto.

\*  
\*  
\*

Antes de me referir aos livros recentes que já pude ler, vou saldar, ainda que na fraca moeda de breves palavras, duas dívidas antigas — uma para com António Sérgio, outra para com Rocha Martins. Ambos me haviam ofertado trabalhos da sua lavra precisamente na ocasião do meu afastamento, os quais por isso ficaram sem registo nesta crónica.

A aludida obra de A. Sérgio é o folheto *O Seiscentismo*, reprodutor do artigo «em que, segundo dizem os que me odeiam, insultei um morto e falsifiquei textos», para me cingir aos próprios dizêres do frontispício. O caso, como talvez se recordem, fez certo alarido nesta pacata Lisboa, onde, como nos meios pequenos em que tudo que cheire a escândalo excita extraordinariamente a curiosidade indigena, os factos se avolumam e se malsinam, por via de regra. Andavam António Sardinha e António Sérgio em polémica sobre o sistema de ensino ministrado pelos Jesuitas e coisas afins, quando succedeu falecer o primeiro dos dois publicistas, deixando o seu contendor com a réplica em sus-

penso. Este, porém, atribuindo importância às ideias e não às pessoas, entendeu que a morte de A. Sardinha não deveria obstar a que elle trouxesse a lume o seu artigo. Assim fez, portanto. Mas logo caiu sobre elle uma tempestade de doestos, girando em torno destas graves acusações: agravar a memória de quem já não podia defender-se, e, para fazer vingar o seu ponto de vista, mutilar trechos de livros citados. Com serenidade, estranha em gente meridional, António Sérgio, na consciência de estar inocente de tais delitos, achou que a mais formal maneira de confundir os que assim o atacavam consistia em reimprimir o mal-afamado artigo, completando nele as citações feitas. Eis a história do folheto, que vem repor a verdade dos factos, restituindo a António Sérgio a escorreita reputação de critico leal e estudioso que desde os seus *Ensaíos* conquistara. Para que se saiba e conste, certifico que a leitura deste folheto doutra coisa me não deixou convencido.

Quanto a Rocha Martins, é do seu *D. Carlos — História do seu reinado* que me incumbe falar. A obra não está ainda sujeita à análise de nin-



Francisco de Aragão

guém, pois dela saíram apenas dois tomos, mas estes já me permitem descortinar que ela vai atingir a envergadura, quer sob o ponto de vista literário, quer sob o ponto de vista documental, quer ainda no que respeita à sua execução gráfica, digna dos anteriores trabalhos saídos da fecundissima pena do escritor. Assunto assaz palpitante, êsse, Rocha Martins, conjugando na obra os seus dotes de romancista arrojado com os de investigador paciente, saberá, pela certa, extrair-lhe tódá a soma de interesse que elle contém. E, senão, aguardemos o termo do trabalho.

Se nos passasse pela cabeça requerer privilégio da atenção que, através da literatura, se está desenvolvendo entre nós pela vida colonial, creio que isso nos seria prontamente recusado. Porque a verdade é esta: lá fora está-se verificando o mesmo interesse por estas coisas. Livros de imaginação e livros de estudo, inspirados no modo de viver dos africanos, pululam hoje por tódá a banda. E igual coisa se observa quando tomamos conhecimento dos assuntos versados nas várias conferências internacionais: à testeira do rol, colónias, sempre colónias, seus processos de administração, assistência aos indigenas, e mais temas que com estes confinam.

Andamos, pois, ao ritmo da época — e isto já não é mau de todo, quando, metidos na orquestra europeia, na maioria das partituras que ela ataca, tantas vezes desafinamos...

Para a bibliografia portuguesa de carácter colonial acaba o sr. major Francisco de Aragão de contribuir com um volume, *Tropas Negras*, que compila vários estudos que o herói de Naulila, apaixonado da Africa e da profissão das armas, em tempos espalhou nos periódicos, estudos focando, todos elles, a urgente necessidade de se organizar em bases sérias a defeza militar das nossas colónias. Ajustando o problema especialmente a Angola, que é a provincia que lhe é mais familiar, o autor enfeixa nestas páginas um conjunto de conhecimentos e observações que se hão-de impôr à atenção dos técnicos e dos governantes, para salvaguarda do património colonial português, nesta hora sob tantas e tão desencontradas ambições.

O livro não apresenta, como é natural, um alto expoente literário. Escrito correntemente, numa exposição clara dos assuntos, todavia algumas das suas páginas, aquelas do preâmbulo e da dedicatória, que invocam os pobres e arrojados soldados de côr, mortos, nos algares da terra negra, pela glória de Portugal, teem frêmito: são traçadas com entusiasmos e comção.

O sr. Ramiro da Fonseca enviou-nos um livrinho, *Ondas*, composto de sonetos da sua autoria. Mesmo como estreia, é fraco, muito fraco. Nem com o auxilio das duas cartas de prefácio do sr. Visconde de Vila-Moura, elle poderá ir longe no caminho do êxito. O pensamento poético raramente nas suas composições se exime à nebulosidade e, a par, a técnica do verso mostra-se ainda muito incerta. Se há um poeta no autor, nestas *Ondas*, nem sequer vem à tona de água.

Já o volume, também de versos, *Da minha capa velhinha*, não obstante a idade juvenil do seu autor, sr. Augusto Amado de Aguiar, me deixou melhor impressionado. Concordo com o seu prefaciador, sr. Pedro Fazenda: há nestas páginas, entre a silva emaranhada das suas ingenuidades, manifestações inegáveis duma sensibilidade de artista, quer nas trovas de amor, quer, em especial, nas que perscrutam a alma errática da estepe alentejana, terra natal do poeta.

CÉSAR DE FRIAS.

■ ■ ■

NOTA DA DIRECÇÃO. — Esta revista, que se destina a tódas as correntes do público e não se subordina, por-tanto, a sistemas doutrinaários, politicos ou religiosos, não exerce, como é óbvio, qualquer censura, quer prévia quer posterior, à matéria dos artigos que insere, cabendo assim a inteira responsabilidade dêles aos colaboradores que os assinam. Vem isto a propósito dos reparos que a algumas pessoas suscitaram — das quais se constituiu emissário junto de nós o sr. dr. Santana Rodrigues — certas afirmações comidas no último dos artigos que o sr. Alvaro Maia publicou nesta secção. As aludidas afirmações, inclusas no comentário a um recente opúsculo sobre a Índia, foram tomadas como afrontosas para os oriundos daquele país oriental. Supomos que o nosso antigo colaborador não teve em mira ofender os indianos, — mas ainda que assim fôsse, o que esta Revista nunca faria seria apadrinhar quaisquer juízos que menoscabassem a terra indiana e os seus naturais, pois de sobra é conhecido nesta casa o brilhante lugar que a Índia disfruta na história da civilização, e bem assim quão numerosa é a pleiade de individuos que, nascidos no seu magnificente solo, onde Portugal conserva ainda estremitadas reliquias do seu grande império, se teem notabilizado nas sciencias, nas letras, no fóro, no professorado, em suma, em todos os mais nobres distritos da actividade humana.